

Zé Urbano - Abcdefghijklmnopqrstuvwxyz.

“Zé Urbano zombou da sintaxe, ruiu com a razão. Seus textos são de um rigoroso despautério. Sonoridades extremas saem de seu jargão. Zé mostrou ao que veio.”

(Chacal, após a estreia de Zé Urbano em público, em 2007)

Ramiro Batista, do blog Leia Livros!, publicou recentemente uma resenha do livro de estreia de Zé Urbano (ou José Urbano), **Abcdefghijklmnopqrstuvwxyz**. Ramiro faz “um perigoso paralelo com *Memórias Sentimentais de João Miramar*”, de Oswald de Andrade. O crítico diz ainda que ao ler o livro, sentiu-se “como se recebesse um alfabeto inteiro para criar uma nova língua, partindo do zero absoluto”, concluindo que “Zé Urbano está aí para nos mostrar que há um mundo inteiro, completamente diferente, muito além daquele percebido pelo nosso limitado ângulo de visão.”



“Não se vá agora, por favor você fique
Você está com cheiro de Pato Purific”
(trecho do poema **Pato Purific**)

“O grande chão comeu quebrado
Por causa de uma faixa riscada sistemática da série de meia-lua”
(trecho de **Faixa Riscada Sistemática**)

Pode-se dizer que Zé Urbano é um poeta neo-dadaísta, influenciado por nomes como Manoel de Barros, Qorpo-Santo, Augusto dos Anjos e Millôr Fernandes, e em geral pelos movimentos dadaísta e surrealista do século passado. Utilizando métodos como a livre associação e a escrita automática, Zé Urbano costuma misturar elementos aleatórios, que servem de base para uma trama de sentidos e correlações, criando um microcosmo próprio de cada poema. Dentro do pequeno universo de cada obra, as coisas têm seu lugar e significado, porém quando vistas do ponto de vista do “mundo real”, nada parece fazer sentido, e o efeito é geralmente cômico, absurdo e surreal.

“Segundo Olavo Bilac, os senadores da República
São membros de uma cegonha chamada Verônica.”
(trecho de **Prelúdio de Os Chineses Pasteleiros**)

“A voz do povo se afoga
no holofote das invenções malucas
de nitrogênio segundo Estrogênio”
(trecho de **Galhos da Missão**)

O poeta começou a escrever em 1998; alguns anos depois passou a publicar em blogs. Estreou em público em 2007, no **CEP 20.000 - Centro de Experimentação Poética**. O CEP 20.000, tradicional no Rio, é organizado pelo poeta **Chacal** e há mais 20 anos traz ao público artistas de diferentes áreas. Desde então Zé Urbano vem participando de leituras de poesia em eventos como o CEP 20.000, **Pólem** (Poesia no Leme) e **Ratos DiVersos**. O poeta descobriu que havia um público interessado e passou a buscar uma editora; em 2009, a independente **Ibis Libris** abraçou o projeto. O livro resultante é uma seleção de 63 poemas escritos entre 1998 e 2008, a primeira década da produção do autor, numa edição limitada em apenas 200 exemplares.

“A humanidade vaga
ao redor da manga, e paga
dez metros de canga, e traga
uma asa de bule e um saco de chapéu,
uma perna de torno e um capacete de Oliveira”
(trecho de **A Humanidade Vaga**)

“e o Ruffles; mais comida! Ventisilva.
Enamora-me ventar no Pringles,
na terra das batatas encontrei o meu amor.
Jader Barbalho, barbas do caráter.”
(trecho de
Um Beijo no Cão do Inferno)

Zé Urbano tem hoje mais de 400 poemas escritos, e já preparou um segundo livro, ainda inédito, que consiste das **Lições do Mestre**, uma série de quatorze poemas escritos durante os meses após a publicação do primeiro livro. É a história do **aprendiz** em busca do **conhecimento arroz**, que será alcançado com o acúmulo de dez **agulhas da iluminação**, que vão sendo adquiridas ao longo das quatorze lições do **mestre**. Zé Urbano é pseudônimo de **Gustavo Jobim**, criador de música experimental eletrônica e tecladista da banda carioca **Zumbi do Mato**, cujas letras têm estilo semelhante.

Abcdefghijklmnopqrstuvwxyz / Zé Urbano
Ibis Libris, 2009
Poesia – 126p., 20x20 cm
ISBN 978-85-7823-036-4

Como adquirir o livro:
Loja oficial: gustavojobim.com/loja
Livraria Leonardo da Vinci: Av. Rio Branco, nº 185 –
Subsolo (Edifício Marquês do Herval) – Centro – Rio de
Janeiro, RJ – Tel. (21) 2533-2237
Livraria da Travessa: Travessa do Ouvidor, 17 – Centro –
Rio de Janeiro, RJ – Tel. (21) 3231-8015

Conheça mais: www.zeurbano.blogspot.com - www.twitter.com/joseurbano
Leia, nas próximas páginas, uma amostra do livro. A seguir, a resenha de Ramiro Batista.

Gramática? Sintaxe? Semântica? Não. Pode esquecer! Isso não existe no universo enigmático do escritor Zé Urbano. Não como nós conhecemos estruturalmente o nosso idioma. Não há possibilidade de se fazer comparações. Talvez, numa vã tentativa, um perigoso paralelo com *Memórias Sentimentais de João Miramar*, mas não, sem contar que Oswald de Andrade era um louco (ou quase isso). Epa! Loucura. Pode estar aí o liame, o fio de seda que pode nos mostrar um caminho interpretativo mais seguro. Essa mania dos “normais” (que se acham os tais) de ter certeza do tipo de chão que pisam. Por falar em chão, em Zé Urbano ele é movediço. O escritor apenas nos mostra um caminho, mas ele é sinuoso e muito traiçoeiro e há que se cuidar das minas que estão espalhadas no percurso e muito bem camufladas.

Irônica, debochada, e (por que não?) escatológica. Em seu livro intitulado *Abcdefghijklmnopqrstuvwxyz* (pasmem, mas nem tanto), a *poética* de Zé Urbano é impactante, desafiadora e a obra poderia ser iniciada com uma breve advertência: “decifra-me se puderes!”. É como se recebêssemos um alfabeto inteiro para criarmos uma nova língua, partindo do zero absoluto. E Zé Urbano parece ser de outro mundo, de outro planeta ou de uma dimensão paralela para a qual o livro é apenas uma porta de acesso. Ah! Se Stephen King lesse mais do que escreve, provavelmente ficaria feliz em encontrar Zé Urbano. Terminamos o livro e nos vem à mente uma pessoa, meio-moleque daqueles que fedem vergamota (talvez o autor) rindo de nós, longe do nosso alcance (inteligentemente), exibindo um dedo em riste. Mas não nos irritamos, nem tampouco nos indignamos, apenas rimos. Talvez, rimos da nossa teimosa incapacidade de nos deixar levar pelo texto. Rimos da nossa pequenez como leitores ainda presos ao passado, incapazes de bem compreender o presente, quanto mais o futuro. E o *nonsense* (tão na moda) nos vem como explicação, mas é apenas estilístico e só nos ajuda realmente como um último recurso para descobrirmos o tamanho da nossa limitação. Zé Urbano está aí para nos mostrar que há um mundo inteiro, completamente diferente, muito além daquele percebido pelo nosso limitado ângulo de visão. Falei demais? Então, que tal curtir um pouco do próprio Zé Urbano, retratando o seu mal, pois, segundo ele mesmo: *...sofro de biscoitos ininteligíveis.* (in *As Momescas Cabriolagens do Mundo – 2005 – p.98*).

“Himgróla, qomo qontinuar?
Sobrelhevêm as respostas aos borbolhetônes:
Morderei pãopãoqueijeioqueijo
Sempre que a me convinher
Mastigarei Abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
Incluindo alfa beta e cetéras
E assim brótarãolhesestes vérsínios
Tais quais qe lhes agradem e agradem e adragem.” (in *Abcdefghijklmnopqrstuvwxyz – 2005 – p.122*)

“... Sinco! Sei, seis! Sete!
Sente o impacto da pedra na cabeça!
É dramático,
É impressionante,
Refiro-me a Dante,
Já leu, monstrão nojentaço?
Não? Sim? Não? Sim?
Sim! Sim! Sim! Sim!
Beterrabas transgêêêêêêênicaaaaaas!!!!” (in *A Mil – 2008 – p. 118*)

“Eu conheço a Heloísa
vive cheia de coriza
mas ela nunca me avisa
quando vai soltar um escarro.” (in *Heloísa – 2002 – p.92*)

“Hoje em dia
Eu passeava antigamente
Quase chegando
Ao ponto de partida” (in *Pequeno Enigma de Einstein – 2008 – p.11*)

E por aí vai. Trata-se de um livro desafiador. Para leitores acostumados com o que a boa literatura nos apresenta. Não digo que agradará a todos, mas como já disse Nelson Rodrigues: “Toda a unanimidade é burra.” Vale, isto sim, ler e tirar sua própria conclusão. Quem sabe não começamos a olhar o mundo com outros olhos, mesmo que sejam vesgos ou... furados.

Publicado em 12 de fevereiro de 2010 no blog Leia Livros! - <http://leialivroserehenhas.blogspot.com>

Zé Urbano

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ



Ibis Libris
Rio de Janeiro
2009

Copyright © 2009 *Gustavo Jobim*

Editores: *Thereza Christina Rocque da Motta e João José de Melo Franco*
Foto da capa, projeto gráfico e diagramação: *Paulo Vermelho*

1ª edição em junho de 2009.

Urbano, Zé.
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ / Zé Urbano. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2009.
126 p., 20 cm.

ISBN 978-85-7823-036-4

Impresso no Brasil.
2009

E-mail do autor: jobim@gustavojobim.com

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610/98.

Ibis Libris
Rua Almirante Alexandrino, 2746-A
Santa Teresa | 20241-263 Rio de Janeiro | RJ
Tel. (21) 2556-0253

www.ibislibris.com.br
ibislibris@ibislibris.com.br

Associada à LIBRE desde 2002.
www.libre.org.br

FAIXA RISCADA SISTEMÁTICA
(1999)

O grande chão comeu quebrado
Por causa de uma faixa riscada sistemática da série de meia-lua
Por favor, deixe-me separar uma porcentagem
Deixe-me abanar da maneira cor-de-vinho
Gratificadamente nos céus de Aristóteles
De um espécime hidramático

Seja o hífen hieróglifo hidratante
do hipocampo das hienas
implicando ferozmente com o hidrófilo
Se não pudermos fabricar um dezembro,
vamos dançar na água da pia

Simplesmente claríssimamente
é o papel do Baygon português de lápis
Riscada faixa que traz um acesso risonho com ou sem o meu quase arbitrário
A face lisa que aparece ou não de lá

Você pode fazer uns pés mas eu não ligo
Se você diz, meu Deus, cadê a bicicleta
seja como o paralelo da fina classe

Onde todos sabem como está este onde
Estando sempre quase como uma corda

Nos grãos de feijão.

CHÁ DE GERÂNIOS
(2003)

Gerônimo era o senhor dos gerânios.
Cuidadosamente os cultivou por muitos anos
até que lhe faltou ânimo
e deles resolveu fazer chá.

Ao chá de gerânios faça com fé cinco pedidos:

1. Que Noel com muito saquê me traga um monte.
83. Fhlebe porque o buraco é xarope quente.
4. O peixe vespertino do macabro Paulo Francis, bom gaiato,
por Gentileza e duas extremas pagam cai cai balão.

Nisto, hoje à noite a Lua de Prata sorriu concordando,
então peremptoriamente Os Lusíadas sairão pra brincar,
peraltas a roubar a Canhotinha de Grumari,
menina sapeca que não vai comer pudim, doida doida!

(Gerônimo era o senhor dos gerânios.
Cuidadosamente os cultivou por muitos anos
até que lhe faltou ânimo
e deles resolveu fazer chá.)

OS ENIGMAS DE EINSTEIN
(2008)

I. PEQUENO ENIGMA DE EINSTEIN

Hoje em dia
Eu passeava antigamente
Quase chegando
Ao ponto de partida.

II. O GRANDE ENIGMA DE EINSTEIN

Albert Einstein trabalha
Em sua escrivaninha de mogno roxo

A caneta-tinteiro cai pra cima
Einstein late palavras inaudíveis
A empregada serve uma bacia de leite
Einstein muge sentença agradável
Desce a escada interminável
Três degraus, mil metros depois,
Einstein liberta o segundo andar

No banheiro, o Conselho das Bicicletas
Rodopia na água da pia risonha
O ralo se entope de vergonha
A caneta-tinteiro brota do ralo
E sozinha escreve um Gênesis disléxico

Estimulante cansada abate Einstein
Que então corre a Maratona engatinhando pra trás
Na chegada inicial o violino toca pausas
Einstein mata a sede comendo areia movediça
E lança ao juiz cego medalha de açúcar

Albert Einstein escreve com os cotovelos
Na submersa máquina de digitar
Preenchendo quatro papéis com espaços em branco

BEM-TE-VI
(2002)

O bem-te-vi cantou duas vezes.
três vezes. quatro vezes.
cinco vezes. seis vezes.
sete vezes.
O bem-te-vi cantou pracaralho.

O CARRO PASSA
(2008)

O passarinho –
Pula e canta e dança
O carro passa –
Panqueca de passarinho

O cachorrinho –
Pula e late e uiva
O carro passa –
Panqueca de cachorrinho

O macaquinho –
Coça e cata piolho
O carro passa –
Panqueca de macaquinho

E a vaquinha –
Pasta e muge e olha
O carro passa –
Panqueca de motorista

Escolha bem –
O bichinho que você atropela

PATO PURIFIC
(2005)

Não se vá agora, por favor você fique
Você está com cheiro de Pato Purific
Vou fazer pra nós dois macarrão com azeite
E vou temperar com bastante Diabo Verde

Eu marquei o trabalho de nova iguaçu
Pra jantar um salário de SMTU
O jornal é muito verde é o jornal da TV
O jornal é muito esperto é a URV

Olha lá, tão roubando sua bicicleta
Aimeudeus épsilon zéta éta théta
Estou gradativamente perdendo a juventude
A minha criatura é um passa-palude

O metrô das onze é tão divertido
É melhor que rádio num carro anfíbio
Ai minha pança esse negócio não termina
E por que é que eu sempre pego a miquelina

Vamos admirar aquele quadro de Magritte
Vou evitar, senão tenho uma Gastritte
Estou sofrendo agora uma crise de Bronchitte
Cimentcocacola cola Quartzolitte

HOJE É FERIADO
(2004)

Hoje é feriado
vou fazer tudo errado
atrás do mundo vem um cabeçalho.

Hoje é feriado
vou tirar o sapato
pra fumar guardanapo.

Hoje é feriado
vou entrar no mato
pra chupar cadeado.

Hoje é feriado que nem o gigante.

O CAMINHO DE SANTIAGO
(2007)

As coisas estão aqui e ali,
e ando por entre as coisas.
O elefante me segura pelo braço e diz:
– Vota em mim. Toma este guardanapo.

Cai na minha cabeça
uma chuva de bananas d'água.
Achei que estivesse andando,
mas estou parado:
é o mundo que gira sob meus pés.

Olho para um prédio.
Quando chega a nuvem,
o prédio vira um livro.

Meu livro tem quatorze páginas.
A primeira página é a contracapa.
A segunda é o epílogo.
A página onze é a capa,
todas as outras onze estão em branco.

E no meio do meu percurso,
pisei num velocípede.
Acordei no hospital,
levantei, pedi um copo d'água,

sentei, pedi um guardanapo,
levantei, perguntei que horas eram,
ajeitei meu chapéu, levantei,
amarrei um dos sapatos,
sentei, troquei a lâmpada,
sentei na cadeira, levantei do banco,
acordei no meio da floresta.

Esperei por alguns minutos,
mas não aconteceu nada.
Esperei por nove minutos e treze segundos,
e a maçã caiu na cabeça daquele deputado.

Então fui caminhando,
e conforme eu andava,
neve caía do meu lado esquerdo,
mas as enfermeiras patinavam do outro lado.

Uma das enfermeiras olhou pra mim,
mas não pude retribuir o olhar,
porque a Grande Muralha da China obstruía minha visão.

Então, levantei a mão e olhei pra cima.
Vi que tinha levantado, na verdade, a outra mão.
E essa outra mão tinha vontade própria,

e conforme a garçonete passava,
ela pedia uma série de produtos de limpeza,
por exemplo: garfo; rapé; limonada; anedota.

A garçonete segurava
uma bandeja de oitenta metros de diâmetro
sobre a qual construía-se um shopping de dois andares.

Da porta do shopping
saíam crianças disfarçadas de desembargadores
usando chapéu de palha,
palito nos dentes,
máquina de escrever Olivetti nas mãos
e tamancos portugueses nos pés.

Uma das crianças desceu da bandeja,
tomou minha mão, a beijou,
murmurou palavras religiosas,
se pôs à minha frente de cócoras,
estendeu os braços para os lados,
e o chapéu de palha começou a levitar.

Vindo da direita, um tocador de berimbau
tocava uma harpa.
A criança deu um salto e começou a fazer
passos de capoeira;
de uma nuvem amarela,
desceu Hebe Camargo

cantando *La donna è mobile*
intercalando os versos
com colheradas de flan.

Então a garçonete me serviu
uma fatia de estratosfera,
temperada, sem açúcar, com gelo e limão.

E conforme eu pedalava,
quanto mais eu pedalava,
mais a lagoa aumentava,
mais a água ameaçava,
e o elefante estendeu a mão
para me ajudar,
“Mas com uma condição: vota em mim.”

Acordei no hospital,
levantei da floresta,
levantei da cozinha, almocei com o elefante,
troquei a harpa, levantei da bandeja,
levantei da lagoa levantei a Hebe
atropeli a criança levantei do prédio
levantei do banco saí do hospital
acordei o elefante lhe dei uma banana
comi a bandeja roubei a criança lavei a colher
dormi na cama subi no prédio desci da nuvem
chutei a chaleira salvei as baleias tomei limonada
votei no elefante rezei com a enfermeira liguei o gás
e saí correndo.